

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO ESPECIAL: A MÃE QUE EDUCOU SEU FILHO PARA SER UM PEDAGOGO

Data de aceite: 01/01/2023

Tatiana de Medeiros Santos

Doutora em Educação, Mestre em Educação Popular, Especialista em Educação Infantil, Especialista em Gestão Educacional. É graduada em Pedagogia. Professora do Ensino Superior há 12 anos. Atualmente é professora da UNINASSAU-JP/PB e Gestora de uma escola municipal da PMJP. <http://lattes.cnpq.br/4690809269646197>. ID Lattes: 4690809269646197.
Prefeitura Municipal de João Pessoa/
Faculdade UNINASSAU-JP, João Pessoa/
PB, Brasil.

Maria do Socorro Crispim Araújo Furtado Wanderley

Pedagoga, licenciada pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Especialista em Orientação Educacional 1º e 2º Grau e Especialista na disciplina Prática em Sociologia da Educação. Pós-Graduação: Especialização em Psicopedagogia pela Fundação Francisco Mascarenhas. Gestora de uma escola municipal da PMJP. <http://lattes.cnpq.br/9467839002985701> ID Lattes: 9467839002985701
Prefeitura Municipal de João Pessoa. João Pessoa /PB, Brasil

Simone Medeiros dos Santos

Graduação em Letras com habilitação

em Língua Inglesa pela (UEPB). Especialista em Psicopedagogia (UNIPÊ), também é Especialista em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares (UEPB). É Mestranda em Ciências da Educação pela ESL-Centro Educacional. É professora da rede estadual de Ensino, na ECIT Cicero dos Anjos, em São Vicente do Seridó-PB e também é professora do município de São Vicente do Seridó-PB há 10 anos em ambas esferas. <http://lattes.cnpq.br/3393271330615143> ID Lattes: 3393271330615143
Prefeitura Municipal de São Vicente do Seridó-PB. Seridó/PB, Brasil

Fabiana Medeiros Santos

Pedagoga pela UNAVIDA/UVA, Especialista em Supervisão e Orientação, Especialista em Ciências da Linguagem com ênfase em Português. Atualmente é docente na primeira fase do Ensino Fundamental da PMJP. <http://lattes.cnpq.br/0726893036091934> ID Lattes: 0726893036091934
Prefeitura Municipal de João Pessoa. João Pessoa/PB, Brasil

João Medeiros dos Santos

Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Pitágoras. Também é Graduado em Bacharel em Educação Física pela Faculdade

Claretiano. É Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Pitágoras. É Mestrando em Ciências da Educação pela ESL-Centro Educacional. Atualmente é professor da instituição Raimundo Asforá na cidade de São Vicente do Seridó - PB. <http://lattes.cnpq.br/1019265944704413> Lattes: 1019265944704413. Prefeitura Municipal de São Vicente do Seridó. Seridó/PB, Brasil

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar e compreender a realidade vivenciada pela mãe de um educando com necessidades especiais (paralisia cerebral) que chegou ao ensino superior e mostrar a importância da família nesse processo de escolarização e de superação. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica para melhor compreender a temática da Educação Especial no Brasil e da inclusão, também trabalhamos com a entrevista gravada e autorizada para publicação. A pesquisa mostra um breve histórico da Educação Especial no Brasil e discorre sobre a temática da inclusão e por último traz à tona a entrevista com a mãe do educando em questão. Os dados coletados evidenciam a realidade de uma criança que enfrenta a questão da inclusão, mas que apesar das exclusões que vivenciou, este aluno possui uma mãe que zela por práticas inclusivas em seu contexto social e narra ações a serem refletidas em no cotidiano escolar e pessoal na vida de cada um que realizará a leitura deste artigo.

PALAVRAS CHAVE: Educação especial. Inclusão. Educação.

SPECIAL EDUCATION: THE MOTHER WHO RAISED HER SON TO BE A PEDAGOGUE

ABSTRACT: This article aims to present and understand the reality experienced by the mother of a student with special needs (cerebral palsy) who reached higher education and show the importance of the family in this process of schooling and overcoming. The methodology used was bibliographic research to better understand the theme of Special Education in Brazil and inclusion, we also worked with the interview recorded and authorized for publication. The research shows a brief history of Special Education in Brazil and discusses the theme of inclusion and finally brings up the interview with the mother of the student in question. The collected data show the reality of a child who faces the issue of inclusion, but despite the exclusions he experienced, this student has a mother who watches over inclusive practices in her social context and narrates actions to be reflected in her school and personal daily life in the life of everyone who reads this article.

KEYWORDS: Special education. Inclusion. Education.

1 | INTRODUÇÃO

É notável, nas últimas décadas, o crescimento do número de crianças com necessidades educativas diferenciadas frequentando as escolas. Esse fato se dá em decorrência da luta de grupos pelo movimento de inclusão e destacamos algumas

conquistas, tais como a Declaração de Salamanca de 1994 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), que consolidam o direito das crianças com deficiências a ter direito a educação básica, sem distinção. Assim, decidimos estudar esta temática a partir do momento em que todos os autores, em instâncias diferentes na área da educação trabalham com a educação especial e defendem que a inclusão deve acontecer de fato nas escolas e faculdades.

Mediante problemática de conhecer as dificuldades encontradas para que a inclusão de fato aconteça, os autores deste artigo, são todos educadores, com a finalidade de entender um pouco mais sobre a importância desta temática e o sucesso de uma mãe que não desistiu da educação de seu filho, apesar de ter encontrado muitos obstáculos, ela conseguiu que, o mesmo, chegasse a cursar Pedagogia em uma faculdade particular. Nisto, os educadores decidiram estudar a temática da educação especial no Brasil e trazer o depoimento na prática de como aconteceu a educação escolarizada de uma criança que chegou à faculdade. O depoimento é muito emocionante e exemplar, por isso nosso foco foi em colocar o depoimento na íntegra. A relevância desse estudo se dá a partir do momento que pretendemos divulgar essa pesquisa e incentivar muitas mães que estão nesse caminho a lutar pela inclusão de fato de seus filhos educação escolarizada.

OBJETIVO: Apresentar e compreender a realidade vivenciada pela mãe de um educando com necessidades especiais (paralisa cerebral) que chegou ao ensino superior e mostrar a importância da família nesse processo de escolarização e de superação.

2 | METODOLGIA

Para evidenciar os desafios dessa estudo, foi realizado uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, também realizou-se uma entrevista com a mãe do aluno em questão, e decidimos manter o anonimato de ambos, como também optamos por não analisar de modo profundo as respostas dessa mãe, deixando para cada leitor analisar na sua ótica essa voz dotada de sentidos e rica em processos educativos de uma criança especial que foi por muitas vezes incluída no sistema de educação formal, com momentos também houveram momentos de exclusão e apesar das decepções da família não desistiram e na atualidade têm um filho que chegou à faculdade e cursa Pedagogia.

Assim, revela desafios, possibilidades e reflexões, a serem discutidas, compartilhadas, estudadas para aprofundarmos nos conhecimentos, com aportes bibliográficos sobre Educação Especial e Inclusão na área educacional. Entende-se que ainda há muito a se fazer em nosso Sistema Educacional, para atender aos alunos com deficiência, pois é preciso zelar pela equidade e qualidade, em um universo plural, cheio de adversidades para que, de fato, se desenvolva um trabalho de forma que aconteça uma aprendizagem mais significativa e a inclusão.

Esta pesquisa justifica-se por tentar entender a trajetória educativa de um filho, por meio da voz da mãe que se dedicou a sua educação escolar em que apesar das contradições, ela não desiste e seu filho chega à universidade. Trata-se de um tema de

grande relevância para acadêmicos e estudiosos na área de educação inclusiva. Para tanto, realizamos o seguinte questionamento: Quais foram os desafios dessa mãe para incluir seu filho na rede regular de ensino e na faculdade?

Desse modo este artigo trilha por caminhos que nos faz entender como foi historicamente desenvolvida a luta por educação especial no Brasil e a inclusão na prática por meio da voz de uma mãe que educou seu filho para chegar à faculdade.

3 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

3.1 Breve histórico sobre a educação especial no Brasil

Ao pesquisar sobre o histórico da Educação Especial no Brasil, foi possível compreender que, por muito tempo, as pessoas que apresentavam alguma deficiência eram consideradas pela sociedade como inúteis, fracassadas, chegando até serem consideradas anormais. Percebeu-se um contexto histórico marcado por muitos anos de exclusão e atraso na área da educação especial e inclusão. Outra constatação foi que a luta pela educação especial no Brasil não é algo recente, foi permeada por um longo processo de transformação histórica e política, sendo compreendida por um longo tempo como uma forma de assistencialismo ofertada a pessoas com deficiências, mas, sem finalidade educativa. Só recentemente, foi que se constatou a preocupação com o lado educacional do aluno. Nesse percurso, Batista (2006, p.37) explica que a história da educação especial em dois períodos distintos;

No primeiro, durante o Brasil Império, as pessoas com deficiências mais acentuadas, eram impedidas de realizar trabalhos braçais (agricultura ou serviços de casa) eram segregadas em instituições públicas. As demais conviviam com suas famílias e não se destacavam muito, uma vez que a sociedade, por ser rural, não exigia um grau muito elevado de desenvolvimento cognitivo. No segundo momento, ao mesmo tempo em que surgia a necessidade de escolarização entre a população, a sociedade passa a conceber o deficiente como um indivíduo que, devido suas limitações, não podia conviver nos mesmos espaços sociais que os normais - deveria, portanto, estudar em locais separados e, só seriam aceitos na sociedade aqueles que conseguissem agir o mais próximo da normalidade possível, sendo capazes de exercer as mesmas funções. Marca este momento o desenvolvimento da psicologia voltada para a educação, o surgimento das instituições privadas e das classes especiais.

Acontecimentos importantes começam a surgir por volta de meados do século XIX com o surgimento de instituições para dar assistência as pessoas com necessidades auditiva e visual. Em 1854 foi fundando o Imperial Instituto de Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1857 foi criado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. Em 1930, surgiram às primeiras instituições voltadas a dar assistência as pessoas com deficiência mental. (RANGEL e GOMES, 2016)

Após a Segunda Guerra Mundial, que resultou em muitas pessoas que ficaram deficientes devido aos confrontos na guerra. Após este acontecimento passou-se a ter

um olhar diferenciado para as pessoas com deficiências, pois após esse cenário, onde milhares de pessoas que não eram deficientes passaram a ser e foi aí que se começou a ver, essas pessoas, com outros olhos, conforme afirma Tahan (2012, p.21) passando a se preocupar com grupos sociais de modo particularizado (...) nesse caso surgem os mutilados da guerra, pessoas que foram para a guerra sem nenhuma deficiência e voltam às suas casas com algum tipo de mutilação que impedem a fruição normal de suas atividades de vida diária.

Pessoas que eram tidas como normais, de repente estavam em uma situação que não se esperava, onde foi notado que, a deficiência não era algo só de nascença, mais também algo que poderia acontecer ao longo da vida. Nesse contexto, foi percebido que, os grandes heróis da guerra, passaram a se encontrar com limitações. Após esse acontecimento passaram a necessitar de ajuda, de atendimento especializado, de cuidados, mas, mesmo assim, não deixaram de ser quem eram, continuavam com suas qualidades, mesmo diante das limitações físicas, elas mantinham sua essência. Nesse cenário, possuiu-se a compreender o que Leite (2012, p.51) explica “ (...) a deficiência em si não torna a pessoa com deficiência incapacitada, mas a sua relação com o ambiente sim. Foi aí que se passou a perceber que as pessoas com deficiências poderiam exercer funções e participar da vida social, sem haver necessidade de exclusão. (NEGREIROS, 2014, p.17). Vale salientar que mesmo com todo esse despertar da sociedade para as pessoas com deficiências, ainda pode-se afirmar que essa luta caminha lentamente rumo a efetivação legal de órgãos especializados para esse tipo de educação.

Na história recente da Educação brasileira, temos alguns ganhos que, apesar de lentamente ter evoluído, ainda precisamos que sejam de fato colocadas em prática. Em 1961, foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), N. 4.024/61 pelo presidente João Goulart, onde este documento regulariza o Sistema de Ensino brasileiro, fundamentando também o atendimento para pessoas com deficiência. Em 1970, temos a LDB N° 5.692/71, que modifica a LDB anterior, no sentido de onde se dava o “(...) ‘tratamento especial’ passou a ‘deficiências físicas, mentais’, os que se encontram em atraso considerável quanto a idade regular de matrícula de ‘superdotados’”. (BRASIL, 71) Também foi na década de 1970, que as escolas começaram a aceitar as pessoas com deficiências em salas comuns, porém como não tinha um método voltado para os alunos com deficiências, os alunos eram quem tinham que se adequar aquele ambiente. Em 1988, temos a Constituição Federal, no seu artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1989)

Em 1990, tivemos a Lei de nº 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente/ ECA que garante o atendimento educacional especializado as crianças com deficiência preferencialmente na rede regular de ensino.

Em 1994, temos a criação da Declaração de Salamanca, que se trata de um

documento elaborado em uma conferência mundial na cidade de Salamanca, na Espanha. Sobre esta questão, no Brasil, observa-se que desde a década de 1990, houve um grande esforço governamental para ampliação do número de matrículas nas escolas públicas, princípio da universalização, sem contudo instituir uma política de estrutura física das barreiras da acessibilidade, qualificação na formação de professores e de todos os envolvidos no processo de inserção dos alunos portadores de deficiência na escola inclusiva, e que as escolas seguem oferecendo enfrentando grandes desafios entre seus pares: escola, alunos e família na educação inclusiva de fato. (MENEZES, 2001)

Assim, tanto a Constituição Federal de 1988, como a Lei de Diretrizes e Bases, nº9.394/96, destaca a importância e urgência de efetivar a Inclusão Educacional como elemento formador de nacionalidade. Já a Declaração de Salamanca é considerada um dos principais documentos mundiais que visam a inclusão social, ao lado da Convenção de Direitos da Criança (1988) e da Declaração sobre Educação para todos de 1990. Assim, ampliou-se o conceito de necessidades educacionais especiais, incluindo todas as crianças que não estejam conseguindo se beneficiar com a escola, seja por que motivo for. (MENEZES, 2001)

A educação inclusiva tem como objetivo principal estabelecer a igualdade de possibilidades e oportunidades no âmbito da educação. Em relação a Declaração de Salamanca, destacamos três eixos: 1. Reforça o direito de todas as pessoas à educação; 2. Reafirma a Declaração Universal do Direitos Humanos; 3. Defende a garantia de direitos a todos, independentemente das diferenças individuais. A Declaração de Salamanca é um marco na luta por uma educação de qualidade. Possui a defesa de ideias voltadas para uma escola que para existir precisa do comprometimento e investimento dos governos nos Sistemas educacionais. (BELTHER, 2017, p. 23).

De acordo com Ferreira (2018) a escola inclusiva é entendida como uma escola comum, regular, que acolhe os alunos, independente das diferenças. Nesta escola, são criadas situações que favoreçam e respeitem os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos. Para incluir ainda é preciso acessibilidade a todos os ambientes da escola. A acessibilidade pode está vinculada à superação das barreiras que estão relacionadas ao espaço físico, encontradas muitas vezes na arquitetura das escolas, no relacionamento interpessoal, nas metodologias, nos programas e nas atitudes.

Na prática, "(...) a inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas a escola consciente de sua função, que se coloca à disposição do aluno" (NASCIMENTO, 2008, p.42). A inclusão é um tema prestigiado no campo científico e na legislação educacional. A ação inclusiva, tem sua sustentação em Políticas Públicas vigentes, por leis, que asseguram matrícula escolar de qualquer cidadão com necessidades especiais. A inclusão abrange muitas esferas além do olhar voltado para alguém com alguma necessidade especial, tais como cor, etnia, gênero, idade etc. Portanto, a nossa legislação é a garantia de acesso as pessoas com qualquer necessidade educativa especial e, garante a obrigação de escolas se adequarem a toda e qualquer realidade para prover a inclusão, desse modo as leis:

Determinam que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais (art. 2º), o que contempla, portanto, o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização. Porém, ao admitir a possibilidade de substituir o ensino regular, acaba por não potencializar a educação inclusiva prevista no seu artigo 2º. (2001 – Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica - Resolução CNE/CEB nº 2/2001)

Conforme a citada lei, todo aluno tem direito de ser matriculado na rede ensino em qualquer lugar do país, cabendo a instituição escolar, adaptar as necessidade, a exemplo de uma construção de rampa, de material didático como livros de brailles, salas de AEE, profissional do ensino de libras, profissional pedagogo para todo apoio pedagógico exigido dentre tantos outra necessidades, adequando desde a questão da estrutura física até a formação qualitativa de seu corpo profissional.

Por meio da prática inclusiva, o aluno com necessidades especiais desenvolve habilidades que não conseguiria só, portanto, o trabalho da inclusão favorece o desenvolvimento da leitura e escrita, linguagem, socialização com todos ao seu redor, dando-lhe a condições de transformar realidades que estão ao seu redor, proporcionando a diligência da autoestima e contribuindo para que profissionais da educação aprendam mais do que ensinam por meio que apenas a vivência proporciona.

Entretanto, a processo de inclusão não é exclusividade da escola ao qual a criança está matriculada, todo o contexto ao seu redor deve proporcionar a inclusão e, principalmente no âmbito familiar, necessitando das condições sociais, econômicas e culturais em que está inserida.

Conhecendo essa trajetória e observando todas essas conquistas, decidimos em realizar uma entrevista com uma mãe de especial que teve seu filho que chegou à faculdade. Almejando entender como foi essa trajetória educacional de seu filho.

4 | RESULTADO E DISCUSSÕES

4.1 A Atitude Humana de Incluir: A voz de uma mãe

O foco deste artigo é dar voz a uma mãe que educou o seu filho até chegar à faculdade. Vamos manter o anonimato de mãe e filho e vamos nos referir a entrevistada como “mãe” e o se filho, como “filho”. A mãe concedeu a entrevista gravada, que depois foi transcrita. Em um segundo momento lida e autorizada para publicação. No decorrer desta entrevista, foi entrevistada apenas a mãe e foi realizada em: 30/04/2022.

De início a pergunta foi: Qual a idade de seu filho e as limitações que ele tem?

(...) tem 20 anos, fará 21 anos agora no mês de junho. Meu filho nasceu bem, porém desenvolveu um quadro respiratório grave com menos de 24 horas. Foi um momento difícil, pois tivemos diagnóstico de pneumonia, pneumotórax, sepse. Foram 45 dias de UTI, com paradas cardíaco-respiratórias. Iniciou tratamento de reabilitação ainda na UTI, sendo acompanhado por fisioterapeutas e fonoaudiólogos. Após o período de UTI, foi para o

berçário, em seguida para casa bastante debilitado. Não conseguia mamar, nem sugar, usou sonda nasogástrica até 4 meses de vida. Durante todos estes anos, sempre buscamos o melhor possível para a reabilitação dele, com acompanhamento na FUNAD, AACD e Rede SARAH de hospitais de reabilitação. Além de acompanhamento por diversos profissionais, tais como, fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, equoterapia, hidroterapia, terapia ocupacional. Acreditamos que uma equipe multiprofissional é importante para a reabilitação. O diagnóstico específico é paralisia cerebral, com deficiência física. Vários pontos foram comprometidos, tais como, coordenação motora fina, dificuldade na fala, sialorreia constante, auxílio do andador. As conquistas foram lentas, começou a andar com andador aos 7 anos, comer com a colher sozinho aos 17. A casa necessita de várias adaptações para melhorar a qualidade de vida, por exemplo, banheiro com barras e revestimento de borracha. Sabemos que a nossa trajetória é de muitas vitórias, com tratamento persistentes e constante. No início, recebemos diferentes perspectivas acerca do futuro, tais como, “nunca vai andar”, “usará sonda para sempre”. Então, sempre tentamos, na medida do possível, persistir no melhor para ele. Quando ele era bem pequeno, adaptamos um quarto só para brincadeiras, com colchão e muitos objetos lúdicos e coloridos. Foram diversos estímulos diários que ajudaram a construir a reabilitação possível que ele tem hoje. Ele preservou todas as funções cognitivas, desenvolveu a capacidade de estar cursando a universidade, fez a prova do ENEM. Foram muitos desafios no período escolar porque ele não escreve, então toda o desenvolvimento dele passa por uma capacidade de compreensão diversa, mas não efetivamente pela escrita. Ele fez a prova do ENEM com leitor e transcritor e hoje está na faculdade, com diversos auxílios tanto familiares como externo para poder seguir a sua vida. Sabemos que a persistência e resiliência deram ao meu filho uma melhor qualidade de vida para uma condição incurável.

A mãe evidencia a gravidade do quadro clínico do seu filho, e suas limitações que começaram nos primeiros anos de vida, após diagnóstico médico de paralisia cerebral, no qual possui uma trajetória de vida, marcada por vitórias, superando expectativas da própria ciência. É perceptível a evolução do filho só foi e o apoio da família no tratamento multifuncional precocemente desde a UTI. Com diagnóstico final de deficiente físico, apresenta todas as funções cognitivas preservadas, atualmente é graduando, na Faculdade UNINASSAU.

Na próxima questão, foi questionado: Como você descobriu que seu filho é especial?

Ah, essa é realmente uma boa pergunta, como foi que eu descobri? Na verdade, quando ele estava na UTI do hospital, eu não tinha muita dimensão sobre nada disso. Até que foi realizada uma ressonância, exame de imagem, e eu vi pelo olhar dos meus pais que o quadro era muito grave, pois o meu pai é médico. Mas, quando se tem vinte e três anos a gente não compreende muito sobre tudo isso quando não se vive. Então eu senti pelo olhar dos meus pais, meus familiares que algo não estava bem. No entanto, não recebi informações muito claras sobre paralisia cerebral e como é a vida de uma pessoa com deficiência. Na verdade, depois de muitos anos, penso que aprendi com o tempo sobre a condição do meu filho, pois não existe um manual que ensina, sinto que é o cotidiano que nos faz aprender. Eu me lembro que a minha mãe me colocou no carro, andou comigo um pouco e disse que ele ia precisar muito da minha ajuda. Esta recordação é muito clara,

para mim, até hoje. Posso até fechar os olhos e lembrar de cada detalhes deste momento. No entanto, não me recordo de falarem para mim nada sobre deficiência física ou paralisia cerebral, pois estes nomes foram chegando aos poucos em minha vida. Quando levei ele para casa, eu fui percebendo aos poucos, a dimensão do quadro, pois quando a gente fala deficiente físico ou paralisia cerebral há de entender que existem diferentes graus e que até mesmo naquela condição a gente não sabia muito quais, quais lesões efetivas ele não ia conseguir na vida. Então, eu digo que eu fui descobrindo ao longo da vida e de uma forma, às vezes, muito dura. Outras às vezes de uma forma mais leve, mas eu fui descobrindo. O diagnóstico é paralisia cerebral, mas é a convivência diária que faz a gente ir descobrindo as limitações, até porque os médicos também nos passaram perspectivas diferentes quanto ao quadro. Por exemplo, ouvimos de alguns médicos que não seria possível andar ou falar, mas conseguimos evolução neste aspecto. Não é um processo fácil, passei por momentos muito difíceis, tendo que tomar decisões importantes. No entanto, aos poucos, a gente vai entendendo a criança que recebemos e temos a missão de desconstruir algo que se imaginou e construir a nossa realidade. É uma verdade dura, pois quando uma mulher fica grávida, jamais imagina vivenciar tudo isto.

Algo bem relevante é a descoberta de forma gradativa da gravidade da deficiência e limitações do filho, que se deu na convivência diária, e a partir do conhecimento passam por um processo de desconstrução e construção, para enfrentar uma nova realidade. Outra pergunta foi: Como seu filho chegou à Faculdade?

Quando se fala sobre como meu filho chegou na universidade, na faculdade, esse é um ponto bastante relevante e que requer, da sociedade, governos e educadores uma ampla discussão para que a inclusão verdadeiramente aconteça. Educar uma pessoa com deficiência é um processo árduo e, por muitas vezes, solitário e que exige da família muito envolvimento, persistência, resiliência e da escola muita adaptação curricular e, acima de tudo, entendimento dos mais diversos tipos e níveis de deficiência. Preciso, neste momento de fala, tão oportuno, deixar claro que nós (pais), nunca desistimos, em nenhum momento, mesmo diante dos mais diversos obstáculos. Quando ele iniciou na escola, aos 3 anos, nós passamos por quatro escolas dentro de João Pessoa. De umas eu recebi negativas, de outras disse pode deixar aqui mais não cuidava direito e de outras não estamos preparados e tal. Então, primeiro foi um impacto de entender nem todas as escolas estavam devidamente preparadas, mesmo diante das leis que não permitem a exclusão. Então, a pergunta é: inclusão existe? No meu ponto de vista, não! É uma discussão tão ampla, pois compreendo que envolvem aspectos de infraestrutura física, compreensão da patologia, conhecimento dos educadores, sensibilização da sociedade. É um conjunto, longe de uma realidade ideal, mesmo diante das leis. Quando iniciou a alfabetização me deparei com uma realidade ainda mais árdua, foi um grande desafio, principalmente emocional. A condição do meu filho era bastante limitada na escrita em função do comprometimento da coordenação motora fina. Ele não escrevia muito, tinha muita dificuldade e eu precisei de lutar muito com a escola para que houvesse um entendimento dessa parte escrita. Então, ele escreveu ali do jeitinho dele de uma forma muito difícil. Houve até os que queriam que ele reprovasse um ano porque não estava tudo pronto e eu disse que ele não estaria nunca pronto do jeito que as pessoas esperam. Ele estaria

pronto do jeito dele. E assim a gente passou até completar o ensino Fundamental I e chegando o ensino Fundamental II. Nesse momento do ensino Fundamental nos deparamos com diversas dificuldades. A escrita é um fator muito limitante principalmente quando se pensa em matemática, física e química, onde foi muito difícil para a escola. Ele estava na sala de aula sempre com uma acompanhante fazendo as escritas no caderno dele. Então, nas áreas de humanas, tais como história, geografia até o próprio Português, Ele sempre ia bem nas provas. Nas áreas de exatas havia a necessidade de uma adaptação das provas. Então, a escola sempre foi aberta a isso, a fazer provas adaptadas, provas orais e sempre tinha uma pessoa acompanhando para a questão da escrita. A nossa maior dificuldade foi quando chegou o Ensino Médio, já no final do, do Ensino Fundamental II, pois enfrentou muitas dificuldades, tanto sociais quanto curriculares. O primeiro ano foi muito complicado porque o ritmo era muito alto e ele não conseguia acompanhar e isto foi muito desgastante para ele ficar na sala de aula, por exemplo de uma disciplina como física para uma pessoa que não escreve e mal sabe matemática assistir a uma aula de Física era desgastante. Então, foram muitas conversas com a escola, pois sugeri que nestas aulas de cálculos ele não ficasse dentro da sala, pudesse ser colocado na biblioteca pra ficar lendo um livro de história, por exemplo, mas a escola não aceitou. Então foram diversos pontos que me fizeram tomar uma decisão muito difícil, porém necessária. Então, como mãe, educadora vendo meu filho com o potencial que ele tinha mental, mas ficar se desgastando na sala de aula por questões que ele jamais seria capaz de conseguir por uma limitação motora não era justo com ele e nem com a nossa família. Estava sendo um desgaste mental para todos e tirando a nossa paz. A mente dele é brilhante e o corpo não corresponde, senti que precisava ser justa com ele. Então eu fiz a seguinte maneira, eu tirei da escola e coloquei ele para fazer aula particulares, coloquei ele pra fazer um cursinho para o ENEM. Porque no cursinho eu estava tirando ele dos agentes estressantes. Estava tirando ele da Física, da Matemática. Conversei na escola do cursinho para retirá-lo da sala de aula quando as aulas fossem das disciplinas de cálculos e permitissem que ele ficasse na biblioteca estudando história, por exemplo. Então ele foi um ser livre para estudar. Livre no sentido de olhar para aquilo que ele poderia efetivamente executar. E aí você pode perguntar: como foi que você fez para ter um certificado de conclusão no Ensino Médio? Então ele fez um supletivo. Foi uma decisão familiar onde ele sai da escola, estuda sozinho no cursinho para o ENEM que tira prova e consegue assim fazer a certificação do Ensino Médio por meio do Supletivo. Nisso, ele fez a prova do ENEM em 2019 e no momento da inscrição, eu fiz a inscrição dele solicitando leitor e transcritor como é preconizado pela lei. Na prova do ENEM não zerou nenhuma questão. Coisas que muitas pessoas que fazem o Ensino Médio regular acabam zerando. Ele fez uma redação toda ditada, ele falava e a pessoa escrevia. Ou seja, ele não escreveu nada. Ele não teve rascunho, ele apenas falou e tirou setecentos e vinte pontos numa primeira redação de ENEM sem nem mesmo ter feito o Ensino Médio regular. Então ele é um ser que estudou exatamente sozinho e conseguiu tudo sozinho. É, no final ele tirou uma nota menor em matemática, nas exatas. Ao total, ele fez quinhentos e poucos pontos. ao tentar entrar para a UFPB não entrou pelas leis das cotas, porque as cotas para pessoas com deficiência são somente para as pessoas de escola pública. E indo para a ampla, ampla concorrência é um pouco desleal alguém que nem fez primeiro, segundo e terceiro ano, que somente lê, mas não escreve, concorrer ali. Lógico eu sou professora lá e queria o meu filho mais perto de mim. Não que

onde ele está hoje, eu sou muito grata porque eu acho até que Deus sabe os seus, os caminhos certos. Então, onde ele está hoje, que é a UNINASSAU tem um grande papel e hoje eu já tenho uma outra visão, pois ele está onde ele tem que estar, porque lá ele é muito bem acolhido por toda a equipe da faculdade. E acho que por um lado foi até um pouco bom porque ele está crescendo sozinho, sem a minha, vamos dizer assim, a minha proteção ali sempre ao lado dele. E assim foi a nossa trajetória educacional que considero muito relevante na minha vida, no meu papel de mãe, professora, educadora, jamais desisti do meu filho. De todos estes momentos, ensinar ele a ler foi, pra mim, um dos momentos mais desgastantes porque ele ia pra escola, mas precisou muito de mim em casa. Eu digo que a cada letra que eu tentei ensinar, eu chorei dez vezes no meu banheiro. Porque por muitas vezes me dava um pouco de falta de paciência. Eu precisava buscar muito de mim para que a gente pudesse progredir. Mais no geral eu vi, hoje eu vejo que tudo valeu muito a pena e vejo também como é importante nunca ter desistido. Hoje ele tem um grande potencial. Eu sempre estimei muito na leitura, sendo um ponto muito importante, já que ele não tinha condições de escrever, a leitura fez muito parte da vida dele. Enquanto família, nós valorizamos a questão cultural, por exemplo, visitar museus e outras cidades. E assim valorizamos entendimentos históricos, o que seria um pouco de uma de uma educação mais real. Olhar in loco as questões que nos envolvem não apenas no livro, mais assim, como trazer o que está no livro um pouco pra realidade. Então, isso sempre fez muito parte da nossa família e ele sempre gostou muito de ler e visitar lugares. É, eu me lembro que teve umas férias, por exemplo, que fomos “turistas” da nossa própria cidade, pois resolvi fazer os mesmos passeios que os visitantes fazem quando visitam a nossa cidade. E a fazer passeios turístico no centro histórico, Casa José Américo... Fizemos visitas da nossa própria cidade, da nossa própria cultura e sempre estimulando essa parte que foi muito importante. Então, hoje ele é o resultado, primeiro da vontade dele porque para mim isso é extraordinário. Sem a vontade dele nada seria possível associada a nossa vontade que ele nunca desistisse da educação, do conhecimento associadas as pessoas que estão ao nosso redor que sempre nos ajudaram bastante. E quando eu falo todas sei que nem tudo é fácil, mas assim a gente sempre buscou muito diálogo com as instituições que fizeram parte da nossa vida. É isso!

Segundo a mãe as dificuldades foram surgindo em todas as etapas da Educação do filho, sempre enfrentando desafios. Passo por várias instituições de ensino e apesar da família sempre buscar o diálogo, muitas vezes não eram ouvidos. Merece destaque a resposta da mãe ao explicar como o filho conseguiu ingressar na Universidade “(...) hoje ele é o resultado da vontade dele associada a nossa vontade que ele nunca desistisse da educação, do conhecimento”. Não menciona a participação efetiva das escolas como aliada no processo de ensino e aprendizagem no percurso da escolaridade do filho. Fato esse, que reforça a ineficiência de muitas escolas, que ainda são excludentes. Outra pergunta realizada foi: Como está acontecendo o ingresso de seu filho na Faculdade?

Tem um sentido de vitória. Até aqui nós vencemos. Porque quando a gente passou por uma transição muito difícil e isso acaba gerando diversas expectativas que, mais uma vez, pode não se concretizar. E quando teve toda a questão acerca da possibilidade de ele entrar na UFPB e que eu vi que ele não entrava na lei da cota, mesmo sendo um deficiente, com tantas

deficiências, mas que ele estava sendo excluído por não ter estudado em uma escola pública de um lado e do outro lado estava entrando na ampla concorrência, eu como mãe, eu sofri muito. Este sofrimento é, foi no sentido de entender que o meu filho estava sendo excluído dos dois lados, né. Mas é a lei, não fui eu quem criei, mas no meu entendimento essa lei estava sendo injusta com tudo que eu tinha plantado de luta educacional até ali. Observei que na na vaga da pessoa com deficiência, a pessoa entrou até com quatrocentos e sessenta pontos e meu filho fez mais de cem pontos a mais e não estava entrando. Então, primeiro eu tive que processar isso, para mim foi um impacto muito grande, isso realmente me gerou muita dor interna, porque como educador isso foi um processo muito difícil. Ele dizia “mãe eu vou dar um jeito”, “mãe, não se preocupe”. Ele agora estava fazendo um papel inverso, era ele que estava cuidando de mim. E foi quando ele sozinho procurou a UNINASSAU, resolveu tudo. Ele saiu mandando e-mail, ele digita e ele resolveu e disse mãe eu vou fazer Pedagogia na UNINASSAU. Eu recebi essa notícia com muita alegria. Apesar de sendo professora, ali eu gerava uma expectativa dele ficar comigo na mesma instituição, mas eu recebi essa notícia com muita alegria. E assim, desde o primeiro momento que ele começou o curso, na pandemia, de forma online, eu vi em nele o reflexo de tudo que a gente havia construído. Um senso de responsabilidade por estar dentro de casa e não faltar as aulas. Uma pessoa extremamente participativa e os professores foram excelentes no sentido de ter paciência para compreender a voz dele. Então, no começo a gente ficava do lado dele traduzindo um pouco a fala, mas depois os professores tiveram o empenho de também entender o que ele estava falando. E aí há uma construção de um curso, no qual ele está se identificando e eu espero que ele venha a concluir, porque a gente sabe que todo curso de graduação você começa, vai descobrindo, vai construindo caminhos, mais foi um momento que aos poucos aquela minha dor foi sendo transformada em um outro contexto. Agora de muita alegria e de poder estar acompanhando-o na faculdade. Eu percebo que ele entrou num processo agora de outro nível até de maturidade também emocional, desde quando ele quer fazer algo sozinho até dar conta da própria nota. Então, isso reflete também uma maturidade da parte dele. Então assim, de um modo geral eu vejo que a faculdade está fazendo bem para ele. Está sendo um ganho muito grande quanto pessoa. Eu percebo a faculdade está tentando sempre fazer o melhor para ele. Eu percebo a faculdade por exemplo, retirando dele o que há de melhor e isso tudo reflete no que fazemos no passado que foi o de jamais desistir da educação dele (...) e quando vejo a UNINASSAU-JP acolhendo, a palavra é essa de forma bastante acolhedora, que faz questão de trazer para ele o entendimento de um modo geral. Eu só tenho a agradecer porque a mesma parceria que eu busquei no passado com as escolas, hoje eu tenho a parceria com a UNINASSAU-JP. É uma parceria que não tá para destruir, mas para tentar construir, respeitando logicamente as limitações. Algumas limitações devem ser conversadas para que o entendimento e o progresso seja sempre o melhor.

Percebe-se que mãe, filho e a família enfrentaram nessa longa trajetória da vida escolar e que ingressa na Universidade UNINASSAU-JP, e mais perceptível ainda é a sensação da vitória. Porém, antes desse acontecimento, a mãe se desestabiliza ao saber que o filho não teria direito a Lei de cotas para ingressar na UFPB, mesmo sendo deficiente, não conseguiu por não ter estudado em escola pública. A exclusão na ótica da mãe, a

decepciona, pois é uma educadora desta instituição e esperava que o filho ingressasse na UFPB, para ter o filho mais próximo dela. Nesse momento a mãe pensou em desistir, foi quando o filho reagiu e fez o papel inverso, agora o filho cuidava da mãe. Ele procurou a UNINASSAU-JP de modo on-line e resolveu tudo sozinho. Comenta que foi acolhida por todos da Instituição que se empenharam em entender a fala do aluno. Foi no início do curso que, veio à tona, a importância da luta incansável da família, que juntos haviam construído ao longo dos anos da vida escolar do filho, algo significativo, substancial, que ultrapassou limites, superou todas as expectativas despontando um processo de maturidade com autonomia e senso de responsabilidade.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Merece destaque que ao revisitarmos sobre a história da Educação Especial, Educação Inclusiva ao longo do tempo, percebe-se muita luta em prol desse público-alvo, alunos com deficiências que nos últimos tempos tem um vasto e crescente público. Mesmo com a implantação de diversas políticas públicas referentes a Educação Inclusiva, até os dias atuais persistem os desafios para os profissionais envolvidos no processo da escola inclusiva.

Nessa perspectiva apresentou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto em questão e logo em seguida a entrevista com a mãe de um filho especial que chegou à faculdade. Pode-se conhecer uma série de direitos garantidos pela legislação brasileira, mas foi com a Declaração de Salamanca em 1994 esta proposta ganhou ainda mais força e a Educação Especial teve o seu papel redimensionado propondo assim uma nova da escola, a inclusão, além de uma transformação na estrutura física. Isso requer mudança no projeto pedagógico, na avaliação, no currículo, na metodologia, essa que perpassa pelo professor mediador de todo processo.

Essa pesquisa trouxe à tona a trajetória de uma família que lutou para incluir o filho na educação escolarizada. Entendeu-se que a escola inclusiva, apesar de ter uma legislação que garanta a inclusão, ainda precisa de muitas reflexões e discussões para que a mesma de fato aconteça. Percebeu-se também uma Faculdade que promove a inclusão e que é notável o empenho por parte da equipe de professores e coordenadora, no qual esse aluno foi de fato aceito. Percebe-se que ele participa da construção de um curso no qual ele está se identificando. Assim, também é perceptível que essa mãe e filho, juntos lutaram para ver essa inclusão acontecer e venceram os desafios da exclusão.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cristina; A. Mota. **Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

BELTHER, Josilda Maria. **Educação Especial**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017.

BRASIL - **Constituição (1988)**. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1998.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, 5.962, 11 de agosto de 1971.** Ministério da Educação. Brasília, 1971.

BRASIL. **Educação inclusiva: v.3: a escola.** Brasília: MEC/Seesp, 2004. Acesso em: 8 de maio 2019.

BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** D.O.U. de dezembro de 1996. Florianópolis: Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina, 1996.

FERREIRA, Felipe. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: quais os pilares e o que a escola precisa fazer.** Atualizado em: 29 de agosto de 2018. Acesso em: 2 jun. 2019.

LEITE, Flavia Piva Almeida. A convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência: amplitude conceitual. **Revista de Direito Brasileira.** Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 31-53, jul/dez 2012.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Declaração de Salamanca. In: **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001.

NASCIMENTO, Rosangela Pereira Do. **Preparando professores para promover a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.** Caderno Temático Londrina. 2008 – Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE – do Governo do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2496-8.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

NEGREIROS, Dilma de Andrade. **Acessibilidade Cultural: por que, onde, como e para quem?** Rio de Janeiro, 2014.

RANGEL, Fabiana Alvarenga; GOMES, Márcia de Oliveira. Da fundação e dos primórdios das primeiras instituições especializadas públicas no Brasil. In. **Revista Educação Especial em Debate.** Vitória - ES. A.1, V.1, N.2. (p.55 a 73.)

TAHAN, Adalgisa Pires Falcão. A universalidade dos direitos humanos. In: Estudos e debates em Direitos Humanos. SILVEIRA, Vladimir Oliveira da; CAMPELO (COORD), Livia Gaigher Bósio (ORG). São Paulo: **Letras Jurídicas**, v. 2, 2012.